

CIÊNCIA

Ano Polar Internacional mobiliza cientistas portugueses



Direitos reservados

Campanha Um dos investigadores do Comité Português para o Ano Polar é Gonçalo Vieira (à direita), aqui no Pólo Sul

① Filomena Naves

Raquel Melo nunca foi à Antártida. Espera fazê-lo um dia, mas essa viagem de sonho não é para já. Falta-lhe andar muito ainda no seu percurso académico, e depois terá que ter uma boa oportunidade.

Apesar disso, e da distância geográfica de milhares de quilómetros, a jovem estudante universitária portuguesa, de 26 anos, é uma das poucas pessoas no planeta que conhece bem um pedacinho daquela imensa região gelada: a ilha de Livingstone, junto ao continente branco no extremo sul da Terra. Raquel está há mais de um ano a analisar e a tratar dados meteorológicos daquela ilha para tentar prever as zonas de *permafrost*, ou seja, de solo gelado. Um dos professores, Gonçalo Vieira, que esteve ali em campanha, no âmbito de projecto internacional, precisava da colaboração de alunos para o tra-

tamento dos dados e ela viu ali uma boa hipótese de “fazer trabalho a sério”. Não hesitou.

O tema pode parecer um pouco longínquo, mas o *permafrost* (na Antártida, mas também no Ártico), e a sua relação com aquecimento global, é um dos temas fortes que vai estar em foco no Ano Polar Internacional (API), iniciativa que vai congrega as pesquisas e os esforços dos cientistas polares de todo o mundo, entre Março de 2007 e Março de 2009 (ver caixa).

A expectativa sobre o Ano Polar Internacional é que ele se torne um dos grandes acontecimentos científicos do início do século, e que permita aumentar o conhecimento sobre os pólos, e sua influência no sistema global terrestre, para um novo patamar. Foi isso que aconteceu, aliás, nas duas anteriores iniciativas deste tipo, em 1882 e em 1932.

Para o pequeno grupo de investigadores portugueses que há alguns anos trabalham sobre a biologia, a



Futuro Raquel quer fazer pesquisa

geomorfologia, a geologia, meteorologia ou climatologia das regiões polares, “este é também o momento para juntar esforços e afirmar as ciências polares no País”, explica o professor e investigador da Universidade de Lisboa Gonçalo Vieira, que é também especialista em *permafrost* e um dos impulsores do Comité Português para o API

História do Ano Polar

O primeiro Ano Polar Internacional (API) aconteceu ainda no século XIX, em 1882-1883, por iniciativa de um explorador, cientista e comandante da marinha austro-húngaro, Karl Weyprecht, que anos antes, numa expedição ao Ártico percebeu a oportunidade de novos conhecimentos para a humanidade que aquela região encerrava. Não se enganou. Problemas fundamentais de geologia e meteorologia foram nessa ocasião equacionados e compreendidos. O segundo Ano Polar decorreu no século XX, em 1932-1933. Participaram cientistas de 40 países e outras tantas estações de observação foram nessa altura estabelecidas no Ártico. Depois deste segundo API, decorreu ainda o primeiro Ano de Geofísica Internacional, em 1957-1958, com novas expedições e estudos, para comemorar os 75.º e 50.º aniversários, respectivamente, do primeiro e segundo anos polares. Chegou agora a vez do terceiro.

2007/2008. Este comité, um grupo de dez investigadores que há dois anos começou a preparar a participação nacional no Ano Polar, apresenta hoje, aliás, a estratégia científica que delineou (ver texto em baixo).

Raquel ainda não faz parte desta pequena comunidade de cientistas portugueses. Mas está a trabalhar para isso. E no âmbito do Ano Polar tem até um papel activo, já que é a representante nacional na rede internacional de jovens investigadores para o *permafrost* (Permafrost Young Researchers Network), cujo objectivo é a troca de informação e experiências, mas sobretudo a “construção” da futura geração de investigadores nesta área.

A jovem portuguesa é exemplo dessa geração. Ainda não concluiu a licenciatura – está a terminar Geografia na Universidade de Lisboa – mas já tem o caminho apontado para a investigação científica. O trabalho sobre a ilha Livingstone, espera ela, é só o princípio. I

Dois anos para preparar estratégia nacional

Foram dois anos de trabalho, com contactos, muito ir e vir, centenas de e-mails, e agora, a estratégia científica portuguesa para o Ano Polar Internacional (API) está pronta.

O Comité Português para o API – que reúne dez cientistas portugueses que têm trabalhado nesta área, nos últimos anos, e é encabeçado por Mendes Victor, um veterano internacional das Ciências da Terra – apresenta-a hoje em Lisboa. Concentrar esforços e vontades (incluin-

do a vontade política) e aproveitar o ano polar “como janela de oportunidade para a própria ciência portuguesa” são os objectivos de fundo da estratégia, diz Gonçalo Vieira, um dos membros do comité.

Os investigadores portugueses, como o próprio Gonçalo Vieira, têm participado esporadicamente, e a título individual, em projectos internacionais nas regiões polares, sobretudo nas áreas da biologia e geologia e geofísica. “O ano polar é o

momento certo para alargar este grupo diminuto, consolidar parcerias internacionais e preparar a futura geração de cientistas portugueses nesta área”, defende o professor da Universidade de Lisboa.

O comité português foi reconhecido em Março pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior como o interlocutor para o API, o que lhe permite receber propostas de projectos científicos. Mas agora é necessário também financiamento –

“não muito”, garante Vieira – para levar os projectos por diante. Os resultados dos concursos da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), no entanto, ainda não saíram e o início do API está a quatro meses de distância, o que já não deixa muita margem de manobra.

“Outra prioridade é que Portugal assinasse finalmente o Tratado da Antártida, de 1961, que consagra o continente a actividades científicas e pacíficas”, conclui o investigador. I^{FN}